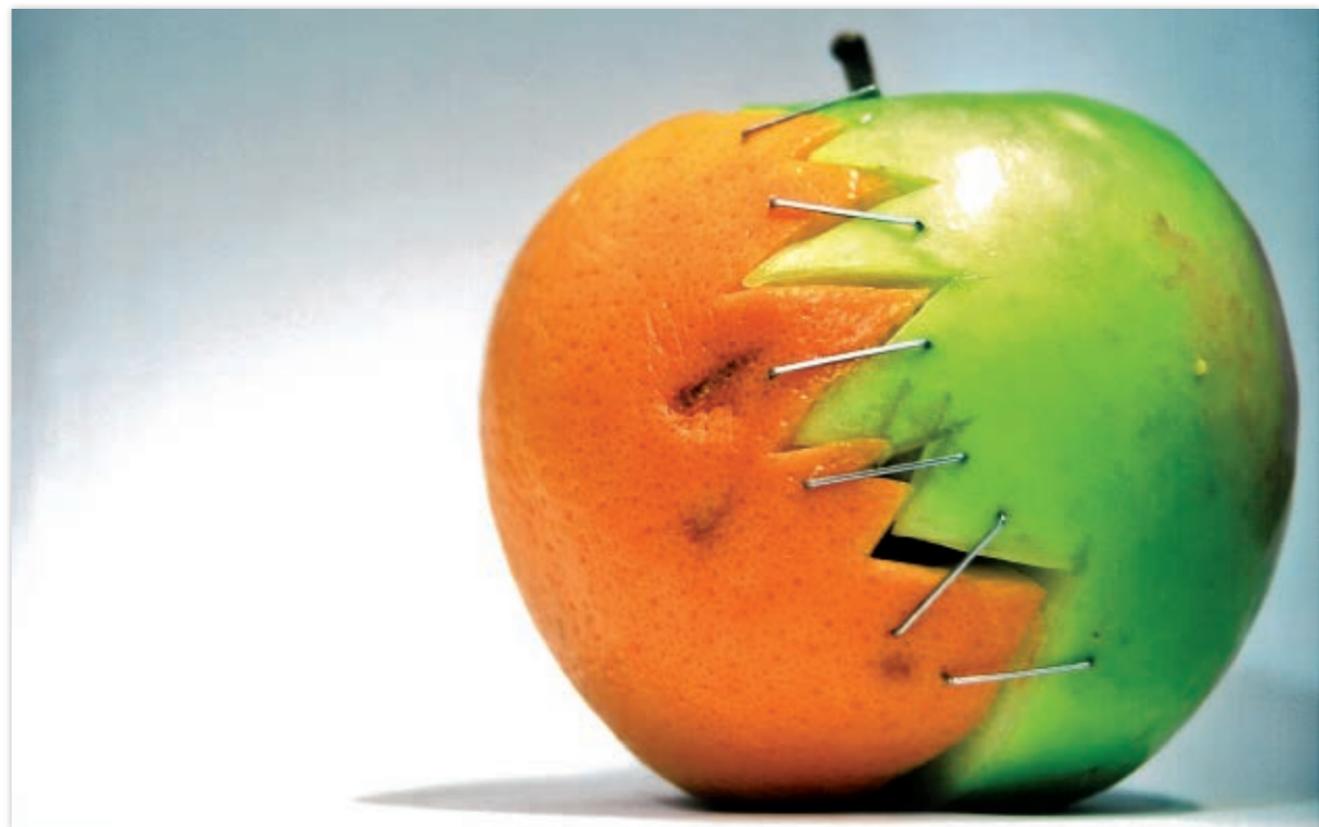


Sintaxe visual das cores

Por Valmir Perez

Os dois lados da maçã do conhecimento



“EU NÃO PARAVA DE ME QUESTIONAR: ‘POR QUE SERÁ QUE esses alunos, que eu sei que estão desenvolvendo outras habilidades, têm tanta dificuldade para aprender a desenhar uma coisa que está bem diante dos olhos deles?” Às vezes eu os sabatinava, pegando um aluno com dificuldade para desenhar uma natureza-morta e perguntando: ‘Você está vendo nesta natureza-morta, aqui em cima da mesa, que a laranja está na frente do vaso?’ ‘Estou’, respondia ele, ‘isso eu estou vendo’. ‘Pois então’, eu dizia, ‘no seu desenho, a laranja e o vaso estão ocupando o mesmo espaço’. O aluno respondia: ‘Eu sei. Eu não sabia como desenhar isso’. ‘Ora’, eu dizia com bastante cuidado, ‘basta olhar para a natureza-morta e desenhá-la conforme você a está vendo’. ‘Eu estava olhando para ela’, respondia o aluno. ‘Eu só não sabia como desenhar desse jeito’. ‘Ora’, eu então dizia, com a voz já se elevando, ‘então basta olhar para ela...’ E vinha sempre uma resposta do tipo ‘Mas eu estou olhando para ela’, e assim por diante.”¹

“O processo de desenhar é curioso. É tão interligado com o ato de ver, que mal pode dele se separar. A capacidade para o desenho depende da capacidade de ver da maneira que um artista vê, e esta forma de ver pode enriquecer sua vida de um modo maravilhoso”.²

Existem coisas que não podem ser ditas apenas em palavras, mesmo que as frases sejam as mais “completas” e complexas possíveis. A linguagem escrita e falada deixa então de ser o bastante, o suficiente para que coisas como: um agradecimento sincero, um coração apaixonado ou qualquer outro transbordar de sentimentos como amor ou ódio possam ser devidamente explicitados por uns e sentidos por outros.

É por isso que as pessoas se abraçam, se beijam, se socam, trocam olhares, gestos, carícias, chutes, etc. na tentativa de aprofundar a comunicação e, conseqüentemente, os significados. Alguns desses modos comportamentais são essencialmente humanos; herança da nossa evolução como bicho-gente. Outros

aprendemos durante a nossa existência através do contato com o nosso clã, nossa cultura, nosso paradigma social, político, religioso, educacional, etc. É devido a isso também que artistas se utilizam constantemente das metáforas e analogias. É mais fácil chegar à profundidade das coisas e dos sentimentos através desses caminhos.

Mas será que esse aprendizado se dá sempre de maneiras corretas e completas? Será possível que ao invés de sermos ensinados a entender as maneiras de comunicação de forma abrangente estamos sendo forçados apenas a boiar num oceano de possibilidades, enquanto poderíamos mergulhar e descobrir os tesouros escondidos em seu interior?

Por que apenas algumas pessoas conseguem perceber as coisas mais detalhadamente, entrar no universo da ciência, do pensamento e da arte, enquanto a maioria apenas toca a superfície com as pontas dos dedos? Newton³, em carta de 16 de fevereiro de 1676, ao amigo Roberto Hooke, diria: “Se vi mais longe foi por estar de pé sobre os ombros de gigantes”.

Mas quem eram esses “gigantes” aos quais ele se referiu? Mais importante ainda: de que maneira eles poderiam ter lhe ajudado? Não cabe aqui e, creio eu, nem seria oportuno muito menos possível tentar em poucas páginas desenvolver uma tese sobre esse tão pitoresco assunto, mas, na verdade, se analisarmos com um pouco mais de cuidado, logo descobriremos que Newton foi um desses homens cujos interesses iam desde a anatomia até as artes e filosofia; da zoologia e botânica à matemática, e assim como Da Vinci⁴, Goethe⁵ e muitos outros, não apenas caminhavam com desenvoltura por diferentes áreas do conhecimento, como (e o mais importante), ainda por cima, traziam referências e aplicações de umas para outras. Esse me parece o ponto crucial ao qual deveríamos nos ater se quiséssemos entender a genialidade desses personagens. Além disso, todos esses, sem exceção, eram adeptos, estudiosos ou frequentadores de escolas iniciáticas. Será que os gigantes eram ainda mais antigos do que possamos supor?

Será essa forma de ver as coisas com totalidade, com abrangência e integralidade, responsável por levar esses homens e mulheres a se tornarem aptos ao entendimento total da realidade e, dessa forma, à compreensão da unicidade existente entre todas as coisas? Será esse o segredo? Será essa maneira de

enxergar as coisas, ou seja, com a totalidade que merecem, o segredo para o conhecimento, a sabedoria e o talento artístico? Eu seria capaz de apostar que sim.

O livro de Betty Edwards, do qual foram extraídas as citações do início desse texto, é apenas um exemplo que contribui para nos informar sobre a importância da visão integralizadora, seja com relação às práticas do ensino e aprendizado, seja com relação à maneira como a ciência contemporânea, principalmente a física, tem nos trazido à luz, importantes contribuições sobre o funcionamento íntimo das coisas e seres que nos cercam.

Por outro lado, imaginemos que se a visão integralizadora pode ser a responsável pelo salto quântico de nossa evolução – e creio que isso já esteja ocorrendo – por que então demoramos tanto para perceber o óbvio? Será que os gigantes de Newton exigiram anonimato apenas para preservar as suas intimidades, ou por saberem que se o segredo fosse revelado às pessoas comuns, muitas das coisas as quais aprendemos desde a infância através da ciência, da história, da religião, etc. poderiam estar incompletas ou falseadas? Poderia mesmo haver uma ligação mais íntima entre todas essas coisas? Ciência, arte e filosofia poderiam ser apenas aspectos perceptuais da mesma unidade? Essas coisas, na verdade, poderiam estar apenas sendo separadas, particionadas e rotuladas pela nossa maneira de percebermos a realidade através do nosso cérebro apinhado de dogmas, mitos científicos e arcabouços incompletos e evasivos? Seria possível que esse particionamento se desse exatamente porque, como o menino que via a natureza-morta, mas não conseguia “ver” as relações do todo, estivéssemos, todos nós, percebendo apenas com um lado do nosso cérebro, ou ainda, nas palavras de Wilber,

“Em vez de dizer ‘eu’, ‘nós’ e ‘ele’, o que você acha de dizermos o Belo, o Bom e o Verdadeiro? E se dissermos que o Belo, o Bom e o Verdadeiro são dimensões de nosso próprio ser, a qualquer e a todo momento, até mesmo em qualquer e em todo nível de conhecimento e de desenvolvimento e que, por meio de uma prática integral, podemos descobrir dimensões cada vez mais profundas de nossa própria Bondade, Verdade e Beleza?”⁶

Ainda existe um ranço muito forte por parte das ciências ditas oficiais no que tange ao reconhecimento de algumas práticas e conhecimentos que vão além do universo físico. Isso sempre foi assim. Na me-

dicina, principalmente, algumas coisas, inclusive uma infinidade de pontos de pesquisa, tornaram-se tabus. Antes do descobrimento das emissões e aplicações dos raios X por Röntgen⁷, dizer aos médicos que seria possível diagnosticar fraturas e outros comprometimentos físicos através de emissão de fluxo radiativo seria tomado como um insulto à inteligência da classe.

Mas no fundo, no fundo, a natureza universal nunca esteve muito preocupada com o que pensam ou deixam de pensar as autoridades constituídas. A cada dia que passa, mais “verdades” universais vão se tornando apenas “verdades” relativas. Hoje não é mais possível acreditar que o conhecimento chegou ao limite extremo e que já possuímos as chaves do céu, embora a pressão exercida pelos representantes dos interesses por trás dos valores e lucros construídos através dessas “verdades” de ocasião, ainda sejam muito fortes e poderosos.

Atualmente, muitos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento já se deram conta de que o espectro magnético, seja ele visível ou invisível à nossa percepção visual, sonora, tátil, etc. pode conter possibilidades infinitas de aplicação. Mas será que isso é moderno ou significa apenas que o conhecimento já estava aqui, embora em “roupagens” diferentes?

Existem dois livros maravilhosos cujos títulos, à primeira impressão, podem levar os leigos à conclusão de se tratar apenas de mais outros tantos exemplos de literatura proveniente de mentes acrílicas e ingênuas. Mas a coisa não é tão simples assim. Trata-se das obras de G. O. Mebes – “Os Arcanos Maiores do Tarô”⁸ e “Os Arcanos Menores do Tarô”⁹. Não se enganem! Os livros não abordam nenhum tipo de manual de instrução para leitura de futuro através da utilização de antigas cartas de baralho. Não! Volto a afirmar: não se trata de literatura barata, mas textos de um conteúdo extremamente complexo que abordam conhecimentos muito antigos sobre o funcionamento da “máquina” que os cartesianos apelidaram de “universo”.

Mebes¹⁰, ou “GOM” como era conhecido nos círculos iniciáticos da Rússia dos finais do séc. XIX e inícios do século XX, era professor de matemática. Foi grão mestre da Maçonaria, do Martinismo e da Rosa Cruz da Rússia e fundador e dirigente da Escola Iniciática do Esoterismo ocidental. Um homem, segundo aqueles que o conheceram pessoalmente, de uma mente e cultura brilhantes. Após a revolução Bolchevique, no momento em que as autoridades comunistas iniciaram a perseguição aos movimentos religiosos,

Mebes continuou a seguir com seus ensinamentos, clandestinamente, até ser preso e deportado para um gulag no Mar Branco, onde morreria alguns anos depois. E viva a Revolução! Como diriam hoje os fanáticos partidários de mentes também partidas.

Nessas duas obras o autor fornece detalhes sobre o conhecimento do funcionamento das leis que regem a evolução dos universos. Esses conhecimentos “científicos” são muito antigos e sempre estiveram de posse de uma pequena casta, sendo negados ao homem comum porque, a princípio, quem os possui, detém também um poder inimaginável de ação e controle sobre os indivíduos e sociedades.

Curioso também notar que, conforme também nos relata o autor, em determinado momento esse conjunto de informações teve que ser preservado, pois para que a evolução do planeta cumprisse seu ciclo natural, o homem deveria passar por determinadas experiências. Cita então que:

“De acordo com a tradição, os sacerdotes de Memphis, prevendo a queda da civilização egípcia, ocultaram seus conhecimentos sob a forma de um baralho que, hoje em dia, é conhecido pelo nome de Tarô e o legaram aos profanos, sabendo que, devido ao hábito do jogo, tais conhecimentos chegariam à posteridade.”

No entanto, as obras acima citadas não são as únicas a trazer a público algo que certamente os gigantes de Newton já conheciam, que resumidamente poderíamos descrever como a “unidade que permeia toda a diversidade”. Que tudo funciona e obedece a leis fundamentais e únicas. Dos átomos aos conglomerados, da vida da flor e do inseto aos maiores astros, os quais não temos sequer a condição de imaginar a grandeza. Muitos outros homens e mulheres inspirados já nos descreveram essas ideias. Elas permeiam as obras de grandes artistas, de grandes filósofos, humanistas, poetas, pintores, cientistas.

Mas esse conhecimento também está presente em todos os fundamentos das antigas tradições religiosas e escolas filosóficas. Essa ciência não é uma ciência experimental exterior como vemos hoje fluindo através dos grandes aceleradores de partículas, mas uma ciência que, embora nos fale as mesmas coisas do que nos oferecem os modernos cientistas, foi fruto da pesquisa interior de mentes e espíritos não menos brilhantes e lúcidos.

Mais do que isso, para esses pioneiros (e para outros não menos pioneiros contemporâneos) o universo

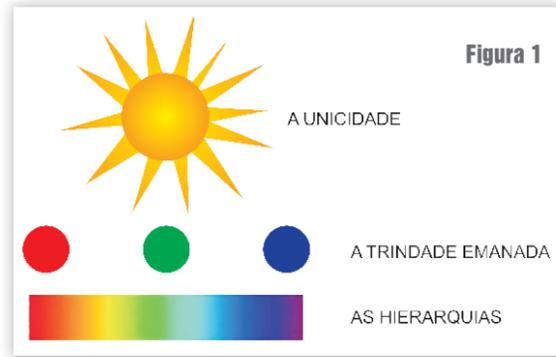
se apresenta como um organismo em constante evolução, pressionando os seres que nele têm existência a acompanhá-lo nessa aventura. E nesse fabuloso empreendimento podemos notar perfeitamente sua lógica e sua unidade, através do funcionamento de seu comportamento vibratório, o qual determina não só como vemos, mas como ouvimos e sentimos as coisas.

Dentro dessas vibrações, que podemos captar com nosso atual sistema fisiológico – como tudo evolui, talvez ele possa não ser nem de perto parecido com esse no futuro – a vibração do espectro visível que nos chega ao sistema de visão é um dos mais importantes meios de reconhecermos que muito dessa ciência já era de conhecimento humano há milênios.

Para facilitar, podemos fazer uma analogia com algo bem próximo da nossa cultura. Vamos analisar, como exemplo, alguns símbolos da religião cristã representados pela tradição Católica Romana. Nessa visão particular, Deus, o criador, é uno, mas a sua representação também se dá através da trindade, como Pai, Filho e Espírito Santo. Note bem, não estamos aqui discutindo a validade dessa afirmação enquanto dogma religioso ou não, apenas tentando analisar como certas tradições contêm em suas estruturas outras formas de leitura que vão além de seus próprios discursos dogmáticos.

Continuemos. O Criador dos católicos é uno, mas dele flui a trindade representada por uma sua outra faceta, representada pelo seu filho, e uma última ainda denominada de Espírito Santo. Esse se constitui um dos “mistérios” maiores dessa tradição. Além disso, mais abaixo da trindade é apresentada toda uma hierarquia de seres criados para manter em funcionamento a criação. Essa hierarquia, inclusive, em nove divisões, reflete outras tantas simetrias com outras tradições. A divindade, que é o bem supremo, a inteligência suprema e a bondade suprema, geralmente é representada como sendo luminosa, com uma característica de brilho luminoso. Também reconhecida não só pelos católicos, mas por outras religiões pelo astro ou disco solar. (Figura 1)

Por outro lado, quando Isaac Newton dividiu a luz solar em um prisma (Figura 2) provou que as cores refratadas eram propriedades da Luz. Que elas se apresentavam como faixas cromáticas que iam do vermelho ao azul avioletado, mas que eram produto da luz branca (solar) que, por sua vez, se divide nas três cores do sistema aditivo: vermelho, verde e azul

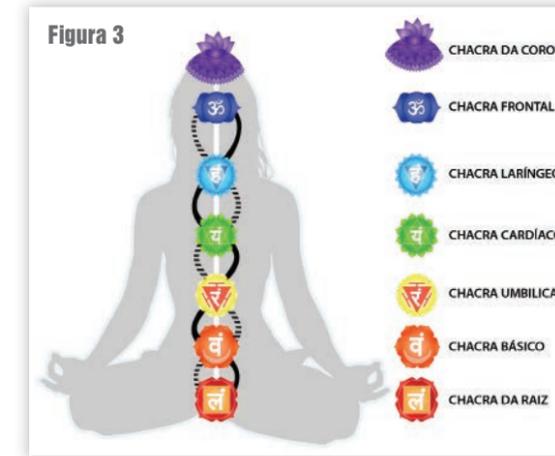
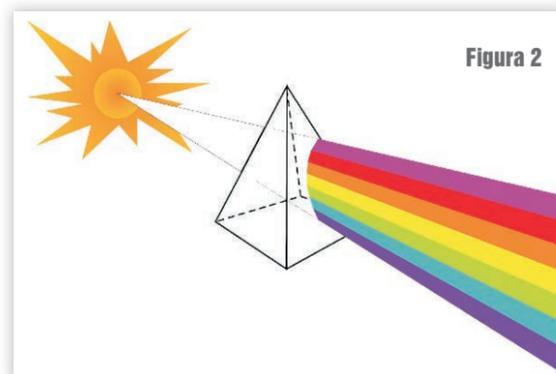


avioletado. Que a fórmula Criação: Pai+filho+Espírito Santo poderia muito bem se encaixar na sua teoria das cores, inclusive com a adição de toda uma hierarquia subjacente: as sete cores produzidas e percebidas por nós no arco-íris (Figura 2), as duas mais próximas que se encontram nas extremidades (infravermelho e ultravioleta) e a quantidade enorme de outras que perfazem todas as variações localizadas no interior da faixa espectral.

Caminhando no sentido de descobrir essas informações subjetivas que impregnam as tradições filosóficas e místicas e que não só apresentam relação com os modernos conhecimentos, mas, de muitas maneiras, até contribuíram para que eles fossem revelados, vamos analisar agora a estrutura dos corpos sutis e as “usinas” de força que os sustentam e produzem, apresentados pela tradição Vedanta¹¹, que tanto influenciou a cultura da Índia e, de certa forma, de todo o oriente.

Por essa tradição, o homem é uma miniatura do universo e é composto de corpos sutis que vibram em outras faixas de frequência acima da realidade física (Figura 3). Chacras, cuja tradução mais próxima para as línguas ocidentais seria “rodas”, são o conjunto de centros de força ou de energias sutis que alimentam nosso ser e nos mantém em contato com as nossas outras dimensões existenciais.

Segundo reza a doutrina logue¹², possuímos sete chacras principais e mais alguns outros menos



importantes. Mas nós, neste momento, iremos analisar apenas os primeiros, tendo em vista que a sua representação de cores e distribuição é a mesma que encontramos no espectro visível enunciado pela Física (Figura 3).

Não gostaria de me estender aqui sobre a função e característica de cada um deles, mas apenas levar o leitor a verificar por si mesmo que a “coincidência” é muito grande quando observamos as cores e a seqüência desses campos de força sutis e o espectro de luz visível. O chakra raiz é, vamos assim dizer, o mais materializado. Sua energia é mais lenta, mais pesada e sua vibração é a mais baixa. Ora, todos nós sabemos que a faixa magnética que corresponde à cor vermelha apresenta um comprimento de onda maior, porém com vibração mais lenta.

No outro extremo, teremos o chakra da coroa que nos liga ao mundo da espiritualidade maior. Sua cor é o violeta. Da mesma forma, sabemos que a cor violeta se localiza no outro extremo do espectro de luz visível, seu comprimento de onda é menor, mas as suas vibrações mais rápidas. Ainda no centro, temos o chakra coronário, representado pela cor verde, a mesma cor que apresenta comprimento de onda e vibração média dentro da gama do espectro da luz visível.

Era impossível que os mestres logues pudessem conhecer exatamente o espectro de comprimento de ondas e de vibração como nós conhecemos hoje, mas, mesmo assim, o que nos legaram comprova que algo se encaixava. Muitos poderão questionar que eles talvez tenham feito a analogia das cores com as que encontramos no efeito de arco-íris. Certo, mas como poderiam saber que os tons mais avermelhados seriam exatamente os de comprimento de ondas maiores e, portanto, mais “pesados” e “lentos”?

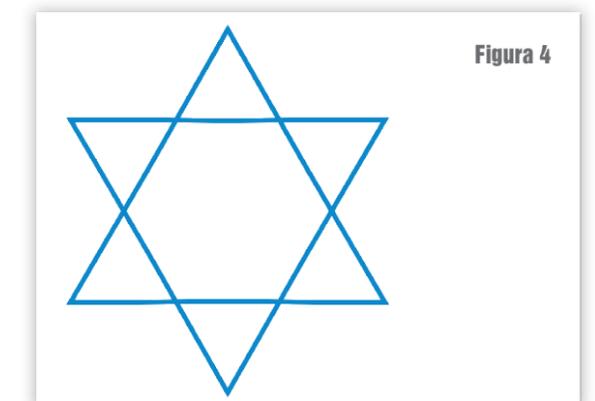
Em mais um exemplo podemos destacar o antigo símbolo da tradição judaica conhecido como “Estrela

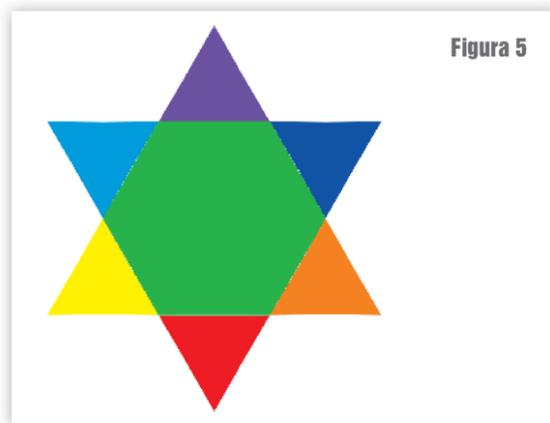
de Davi” ou “Selo de Salomão”. Esse símbolo é composto por dois triângulos equiláteros justapostos em oposição (Figura 4)

Esse mesmo símbolo na tradição Hinduísta representa outra trindade: Brahma, Vishnu e Shiva, também denominados respectivamente de Criador, Preservador e Destruidor. Desse símbolo também a tradição reza que o triângulo que aponta para baixo representa nossas tendências (energias) mais materiais; e o triângulo que aponta para cima, nossas tendências ligadas à espiritualidade superior. A estrela de Davi para os cabalistas representa as emanções da criação (mais uma vez a emanção de tríades e de hierarquias). O símbolo também representaria as nossas próprias emanções energéticas (chacras). Se adicionarmos as cores do sistema logue sequencialmente no interior da estrela, observaremos prontamente as semelhanças conceituais com o sistema de chacras (Figura 5).

O chakra cardíaco (verde), na tradição logue, com sua contraparte física ligada ao coração e sua contraparte sutil ligada às emoções, ao corpo emocional, é responsável pela nossa subida do mundo material ao mundo espiritual, através da filtragem das energias mais baixas, ou seja, através do amor, transformando nossos impulsos instintivos em vibração divina. Vemos que o símbolo traduz o mesmo conceito em diferente composição formal.

Os estudos realizados por Bamz (Juan Basílio Gomes), apresentados por Modesto Farina em seu famoso livro “Psicodinâmica das Cores em Comunicação”¹³, mostram ainda que muitas das modernas teorias da ciência encontram-se alinhadas com antigos conhecimentos. Na tradição vedanta, conforme o ser humano vai se desenvolvendo e evoluindo espiritualmente, as energias dos chacras vão subindo, da mais baixa e material (chakra raiz – vermelho) até atingir, após uma infinidade de encarnações, o ápice, que é o





acender de todos os centros de força, inclusive o último estágio, o chacra coronário, que representa a nossa ligação com a divindade (chacra da coroa – violeta).

Segundo Farina,

“Há uma pesquisa muito interessante, feita pelo psicólogo Bamz, que alia o fator idade à preferência que o indivíduo manifesta por determinada cor. Esse estudo pode conduzir a resultados eficazes no campo mercadológico. Vejamos:

Vermelho: *Corresponderia ao período de 01 a 10 anos – Idade da efervescência e da espontaneidade;*

Laranja: *Corresponderia ao período de 10 a 20 anos – Idade da imaginação, excitação, aventura;*

Amarelo: *Corresponderia ao período de 20 a 30 anos – Idade da força, potência, arrogância;*

Verde: *Corresponderia ao período de 30 a 40 anos – Idade da diminuição do fogo juvenil;*

Azul: *Corresponderia ao período de 40 a 50 anos – Idade do pensamento e da inteligência;*

Lilás: *Corresponderia ao período de 50 a 60 anos – Idade do juízo, do misticismo e da lei;*

Roxo: *Corresponderia ao período além dos 60 anos – Idade do saber, da experiência e da benevolência.*

O estudo da relação das cores que apresento aqui é apenas uma das muitas possibilidades de atentarmos para a importância e riqueza que podemos encontrar quando, ao invés de tratarmos as tradições religiosas antigas como pura invenção mítica de povos ignorantes, abriremos nosso intelecto para outras possibilidades. Sem preconceito, relacionando-nos com o conhecimento com liberdade e integralidade. Talvez nossos ancestrais obtivessem o conhecimento usando o lado direito do cérebro, mais intuitivo, diferentemente de nós, que usamos mais o esquerdo, racional e intelectual.

Na natureza que nos cerca podemos observar uma infinidade de exemplos que, se fossem vistos com os olhos e percebidos com aquele sentido especial que

nos leva a buscar a integração do todo com suas partes, certamente nossas vidas seriam muito mais ricas. Procurar manter uma relação saudável com aquilo que nos chega pronto e embrulhado me parece o melhor caminho.

Ainda sobre as cores, podemos fazer uma analogia que sempre me pareceu muito rica e interessante. A maioria dos artistas visuais reconhece a importância de se conhecer o que se denomina de cores complementares, que resumidamente podem ser definidas como aquelas cujo matiz mais absorve o matiz de sua contraparte.

Pois bem, vamos analisar alguns exemplos de cores complementares encontrados na natureza. Talvez assim possamos perceber melhor como o nosso universo inteiro trabalha em busca do equilíbrio e completude.

O nosso sangue é vermelho, cuja fórmula contém uma grande quantidade de glóbulos vermelhos denominados hemoglobina, que por sua vez é rica em ferro, que, oxidado, adquire a coloração avermelhada. Ao respirarmos, usamos o oxigênio e expelimos o gás carbônico, utilizado pelas plantas, cuja clorofila é verde, cor complementar do vermelho, que tem papel fundamental na produção de oxigênio, e aí o ciclo continua.

O profundo do céu, acima da estratosfera, apresenta-se azul avioletado. Em contrapartida, o centro da Terra, formado pela incandescência do magma, apresenta-se alaranjado. Mais uma vez, as cores complementares se mostram compatíveis e nos devidos lugares correspondentes.

Enfim, poderíamos citar exemplos e mais exemplos iguais aos anteriores, que mostram a relação não apenas entre o que se conhece hoje como conhecimento científico racional, mas também como conhecimento das experiências interiores e de abrangência dos aspectos íntimos da universalidade.

Seria interessante que, da mesma forma que muitos pesquisadores contemporâneos, das mais variadas áreas do conhecimento, designers de iluminação superassem as barreiras do “ver” e iniciassem pesquisas no mundo subjetivo e simbólico. Usar as cores e suas propriedades vibratórias vai além dos determinantes físicos. Muito do que se sabe até o momento sobre as propriedades vibratórias da cor pode ser apenas o início de uma retomada de conhecimentos e de uma “ciência” muito antigos.

Ao escolhermos determinada cor para determinado efeito luminoso, de ambiente, etc., não estamos apenas

fazendo vibrar a luz no sentido físico, mas e, principalmente, construindo pontes entre o físico e o perceptivo. Para isso se faz necessária uma mudança urgente na nossa forma de “ver” o mundo à nossa volta. De fazer relações que, mesmo estando à nossa frente, não são percebidas devido ao nosso modo particionado de perceber. Como o menino que via a natureza morta e não conseguia desenhá-la, talvez estejamos de olhos abertos e percepção fechada. Ao usar o lado direito do cérebro e juntar aquilo que foi separado,

perceberemos a unicidade de todas as coisas e, como os gigantes que sustentavam Newton, construiremos uma arte, uma ciência e uma filosofia mais abrangente e rica. ◀

Valmir Perez
é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Multimeios. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras.
Contato – valmirperez@gmail.com/
www.iar.unicamp.br/lab/luz.



1 EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Tradução de Ricardo Silveira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. Pág. 11. 2 Op. Cit. Pág. 28. 3 Sir Isaac Newton (Woolsthorpe-by-Colsterworth, 4 de janeiro de 1643 (no calendário Gregoriano) — Londres, 31 de março de 1727)[2][nota 1] foi um cientista inglês, mais reconhecido como físico e matemático, embora tenha sido também astrônomo, alquimista, filósofo natural e teólogo. Wikipedia A Enciclopédia Livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/Isaac_Newton Em 24/07/2012. 4 Leonardo di Ser Piero da Vinci, ou simplesmente Leonardo da Vinci, Anchiano, 15 de abril de 1452[2] – Amboise, 2 de maio de 1519, foi um polímata italiano[2], uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento[2], que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. Wikipedia A Enciclopédia Livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_Da_Vinci Em 24/07/2012. 5 Johann Wolfgang von Goethe (Frankfurt am Main, 28 de agosto de 1749 —Weimar, 22 de março de 1832) foi um escritor alemão e pensador que também fez incursões pelo campo da ciência. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Friedrich Schiller, foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sturm und Drang. De sua vasta produção fazem parte: romances, peças de teatro, poemas, escritos autobiográficos, reflexões teóricas nas áreas de arte, literatura e ciências naturais. Wikipedia A Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Goethe> Em 24/07/2012. 6 WILBER, Ken. Espiritualidade Integral – Uma nova Função para a Religião Neste Início de Milênio. Tradução Cássia Nasser, São Paulo: Aleph, 2006. Pág. 34 e 35. 7 Wilhelm Conrad Röntgen (Lennep, 27 de março de 1845 — Munique, 10 de fevereiro de 1923) foi um físico alemão que, em 8 de novembro de 1895, produziu radiação eletromagnética nos comprimentos de onda correspondentes aos atualmente chamados raios X. 8 MEBES, G. O. Os Arcanos Maiores do Tarô. Tradução de Marta Pécher. São Paulo: Editora pensamento, 1988. 9 MEBES, G. O. Os Arcanos Menores do Tarô. Tradução de Marta Pécher. São Paulo: Editora pensamento, 1988. 10 GO Mebes (1869 (Rússia) - 1930), era um líder russo da Maçonaria, com mais de 200 anos de existência, nesse momento foi fundador da “ Escola de Iniciação de Esoterismo ocidental”. Em sua vida externa ocupou o cargo de professor de Francês e Matemática nas duas melhores escolas de São Petersburgo. Foi apreciado e reconhecido entre os membros da sociedade da capital de seu país. No entanto, muito poucos sabiam de sua Escola. Somente aqueles que foram convidados por ele eram autorizados a frequentá-la. Wikipedia The Free Encyclopedia http://en.wikipedia.org/wiki/G._O._Mebes Em 29/07/2012. 11 Vedanta (devanágari: वेदान्त, Vedānta), também denominada Uttara Mimamsa, é uma tradição espiritual explicada nos Upanishads, que se preocupa principalmente com a autorrealização, através da qual se pode compreender qual a real natureza da realidade (Brahman). O Vedanta – que significa “a meta de todo o conhecimento” – por definição não se restringe ou está confinada a um único livro, e não é a única fonte da filosofia vedântica. O Vedanta se baseia nas leis espirituais imutáveis que são comuns às tradições religiosas e espirituais ao redor do mundo, onde o “meta do conhecimento” se referiria a um estado de autorrealização ou de consciência cósmica. Historicamente, o Vedanta tem sido compreendido como um estado de transcendência, e não como um conceito que pode ser compreendido apenas pelo intelecto. Wikipedia A Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vedanta> Em 20/07/2012. 12 Um yogi ou yogin (em Sânscrito: योगी yogini é uma forma feminina para o termo) é um termo que caracteriza os praticantes de yoga. Esta designação é mais usada para praticantes avançados. A palavra “yoga” em si - oriunda da raiz Sânscrita yuj (“unir”) - é normalmente traduzida como “união” ou “integração” e pode ser entendida como a união com o Divino, ou integração do corpo, mente, e alma. Wikipedia A Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/logue> Em 20/07/2012. 13 FARINA, Modesto. Psicodinâmica das Cores em Comunicação, São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 1990. Pág. 105.